



# O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO 1.º ANO DA UNIVERSIDADE: CONGRUÊNCIA ENTRE AS IDEIAS ENSINADAS E AS IDEIAS APRENDIDAS

Luísa Ribeiro Trigo\*<sup>1</sup>, Cristina Cruz\*, Inês Moreira\* & Pedro Rosário\*\*

\* Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa

\*\* Escola de Psicologia, Universidade do Minho

## 1. INTRODUÇÃO

O primeiro ano de frequência do ensino superior é um ano crítico para uma grande parte dos estudantes, quer pelas expectativas iniciais que formulam ao entrar na universidade, bastante positivas mas raramente satisfeitas (Fernandes et al., 2005), quer devido à falta de preparação dos mesmos para lidar com os desafios e exigências do mundo académico, como é o caso dos processos de ensino que requerem níveis de autonomia e de auto-regulação da aprendizagem que nem sempre os alunos possuem (Fernandes & Almeida, 2005).

Considera-se, de forma cada vez mais generalizada, o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais na universidade como um indicador de qualidade, tendo-se convertido, no marco do Espaço Europeu de Educação Superior, numa prioridade para os agentes implicados neste nível educativo. “Numa era onde estas qualidades para a aprendizagem ao longo da vida estão ausentes da vida de muitos alunos, o ensino de estratégias e processos de auto-regulação da aprendizagem é especialmente relevante” (Zimmerman, 2002, p.70).

Este estudo tem como principal objectivo analisar a congruência entre as ideias ensinadas (pelos professores) e as ideias aprendidas (pelos alunos) no contexto da sala de aula, em duas unidades curriculares do 1.º ano do ensino superior.

## 2. METODOLOGIA

### PARTICIPANTES

Participaram neste estudo alunos do 1.º ano de Direito e de Economia/Gestão de Empresas de uma universidade situada na Área Metropolitana do Porto, que se encontravam a frequentar a unidade curricular seleccionada no seu curso, no 1.º semestre do ano lectivo 2009/2010.

### INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Foram observadas e gravadas oito aulas de 90 minutos em cada um dos dois cursos. No final de cada aula o professor foi inquirido sobre as principais ideias que tinha ensinado e os alunos foram inquiridos sobre as principais ideias que tinham aprendido. As respostas foram cotadas, tendo sido analisada a congruência entre as respostas dadas pelo professor e as respostas dadas pelos alunos.

A recolha de dados está ainda a ser finalizada, pelo que neste trabalho são apresentados alguns dados exploratórios das análises efectuadas até ao momento.

## 3. RESULTADOS

A cotação da congruência entre as ideias *ensinadas* e as ideias *aprendidas* nas oito aulas do curso de Direito, em que participaram 47 alunos, encontra-se na tabela abaixo. São apresentadas as percentagens de alunos que indicaram correctamente a ideia *ensinada* pelo professor.

	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Aula 5	Aula 6	Aula 7	Aula 8
Ideia 1	51,2	55,3	44,7	10,6	12,8	6,4	10,6	4,3
Ideia 2	43,9	31,9	14,9	48,9	2,1	25,5	40,4	2,1
Ideia 3	46,8	42,6	12,8	25,5	17	46,8	55,3	2,1
Ideia 4	40,4	53,2	12,8	57,4	4,3	42,6	38,3	6,4
Ideia 5	6,4	---	29,8	---	29,8	---	4,3	---
Ideias extra	42,5	49	27,6	36,1	42,5	34,1	23,4	34
Ideias gerais	72,4	17	57,5	32	31,9	34	38,3	42,5

Verificamos que são apenas cinco as ideias *ensinadas* pelo professor que são referidas como *aprendidas* por mais de 50% dos alunos, o que é um valor manifestamente baixo. Por outro lado, encontramos diversas ideias que são referidas por menos de 10% dos alunos, ou seja, o professor considera que transmitiu essa ideia, mas apenas um número muito baixo de alunos refere ter *aprendido* essa ideia.

## 4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os valores baixos encontrados na congruência entre as ideias ensinadas e as ideias aprendidas podem conter em si múltiplas explicações. A operacionalização das variáveis tal como foi realizada neste estudo pode estar a conduzir a uma baixa congruência, devido a diferentes formas de expressar as ideias principais trabalhadas na aula. São bastantes os alunos que apresentam outras ideias que aprenderam na aula, para além das ideias referidas pelo professor, podendo aquelas ideias ser mais específicas (ideias extra) ou mais gerais.

Por outro lado, metade das aulas observadas (aulas 5 a 8) foi dedicada ao esclarecimento de dúvidas dos alunos e à avaliação oral dos conhecimentos dos alunos, o que parece indicar que o questionamento oral dos alunos para efeitos de avaliação está a servir sobretudo para uma função avaliativa e não tanto formativa. Nestes exercícios, o aluno parece reter sobretudo a ideia que o marcou com a questão específica que lhe foi colocada, mas parece retirar pouco das ideias trabalhadas com os outros alunos.

As elevadas percentagens de ideias gerais referidas pelos alunos parece indicar que os alunos no final da aula ficam com uma ideia genérica do que foi abordado, ainda que não consigam referir especificamente os tópicos elencados pelo professor. Estes dados podem também indicar que a estrutura da aula não está clara para o aluno, pelo que seria vantajoso explicitar claramente os objectivos pedagógicos de cada aula.

## 5. REFERÊNCIAS

Fernandes, E., & Almeida, L. S. (2005). Expectativas e vivências académicas: Impacto no rendimento dos alunos do 1.º ano [Em linha]. Disponível em: <http://repositorum.sdum.uminho.pt/handle/1822/28823>. [Consultado em 02/11/09].  
Fernandes, E., Maia, A., Meireles, C., Rios, S., Silva, D., & Feixas, G. (2005). Dilemas implicativos e ajustamento psicológico: Um estudo com alunos recém-chegados à Universidade do Minho [Em linha]. Disponível em: <http://repositorum.sdum.uminho.pt/handle/1822/2956>. [Consultado em 30/10/09].  
Zimmerman, B. J. (2002). Becoming a self-regulated learner: An overview. *Theory into Practice*, 41, 64-70.